

**Sol, Kate, Clara e Helena: práticas e identidades femininas em *Vai na Fé* (2023)<sup>1</sup>**Raabe Cesar Moreira BASTOS<sup>2</sup>Jéssica Elaine Moreira SAMPAIO<sup>3</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

**RESUMO**

O trabalho analisa as personagens Sol, Kate, Clara e Helena, entendendo práticas e identidades femininas nas racialidades e lesbianidades a partir da telenovela “Vai na Fé” (2023). O amparo teórico-conceitual, a respeito das mulheres, parte de teóricas feministas que operam através da interseccionalidade. A metodologia utilizada na análise da telenovela, compreende, a partir de Rose (2008), características próprias e complexas da composição da telenovela, captando as esferas verbais e visuais da obra. Os capítulos analisados são os que dispõem de cenas em que as relações das personagens Sol, Kate, Clara e Helena estão em evidência.

**PALAVRAS-CHAVE:** telenovelas brasileiras; identidades femininas; racialidades; lesbianidades; Vai na fé.

**INTRODUÇÃO**

O trabalho é um recorte de pesquisas que estudam a telenovela “Vai na Fé” (2023), de Rosane Svartman. Propomos uma análise dos núcleos em que as racialidades e lesbianidades estão em ênfase, de maneira em que buscamos os tensionamentos do que é veiculado sobre tais corpos dissidentes. As personagens selecionadas para análise apresentam marcadores sociais em seus corpos, sendo possível o uso da interseccionalidade para tratar de suas experiências, conceito crucial no estudo das dinâmicas de opressão. Sol e Kate são mulheres negras da classe trabalhadora, vivem na periferia do Rio de Janeiro; Clara e Helena são mulheres com sexualidades dissidentes, assim, as opressões destinadas a cada uma delas são diferentes. A interseccionalidade não soma identidades de maneira isolada, mas examina como as condições estruturais

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT01SE - Comunicação antirracista, pensamento afrodiaspórico e interseccionalidades do 27º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste - Barbacena/MG.

<sup>2</sup> Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e mestranda na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: [raabebastos19@gmail.com](mailto:raabebastos19@gmail.com).

<sup>3</sup> Artista visual pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: [jessicamoreirasampaio@gmail.com](mailto:jessicamoreirasampaio@gmail.com).

atravessam os corpos, sendo experiências moldadas, perpetuadas e mantidas pela matriz de opressão colonialista (Akotirene, 2019).

O formato das telenovelas legitima definições e noções sobre o mundo, são elaborações que categorizam práticas e identidades através de formas de tratamento, inclusão e exclusão. Tais feitura englobam linguagem e imagem, efetuando uma composição a respeito de determinados modos de ser e estar socialmente, de maneira a vincular padrões tidos como certos ou errados, são formações que exploram expressões de subjetividades para gerar normas (Lopes, 2009).

O que é veiculado prescreve comportamentos e hierarquiza corpos, os constituindo pelas representações culturais (Foucault, 2021), explicitando o papel das mídias em circulação. É necessário compreender a relação das telenovelas brasileiras com a sociedade, em suas influências no imaginário social, percebendo como têm poderios politicamente, economicamente e culturalmente, percebendo o conjunto de relações agentes no simbólico e na materialidade. Trata-se da percepção de que o processo comunicativo é realizado entre sujeitos e disputas, sendo a relação entre materialidades e discursos.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa baseia-se na análise de capítulos em que os relacionamentos das personagens Sol, Kate, Clara e Helena estão em evidência. A metodologia utilizada se faz a partir de Rose (2008), que examina características próprias da composição da telenovela, captando as esferas verbais e vitais da obra. A interseccionalidade, como ferramenta analítica e política (Akotirene, 2020), também será utilizada, tendo em vista que os corpos das personagens abrangem diversos marcadores sociais, sendo categorias que se entrelaçam e se manifestam nas dinâmicas sociais e culturais (Collins, 2022).

A seleção das cenas, tratando-se de Sol, parte do momento em que a personagem identifica o estupro; a respeito de Kate, quando é violentada por Théo; em relação a Clara, a partir de sua paixão por Helena; quanto a Helena, ao perceber as questões de sexualidade de seu relacionamento com Clara.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A capilaridade da televisão nas casas brasileiras se dá desde que ela chegou ao país em 1950, aumentando ainda mais sua audiência quando, no mesmo ano, inaugurou-se, na TV Tupi, a transmissão de telenovelas (Lopes, 2009). Ao apresentar-se como tradutora ou refletora da realidade (Lopes, 2009), as narrativas transmitidas para todo o país são também propositoras de crenças e comportamentos, propondo desejos, fantasias, ideologias e sensações (Lopes, 2009).

Preciado (2010), em entrevista, diz acerca da necessidade de entender os meios de comunicação como complexo aparato político e econômico. Por essa ótica, é possível compreender como, no Brasil, parte significativa dos atravessamentos a respeito de raça, gênero e sexualidade são perpassados pelas telenovelas. As interações dos folhetins com o cotidiano propõem sentidos ao mundo (Lopes, 2009). O espaço simbólico das telenovelas constroem e reconstroem sentimentos, valores, emoções e fantasias (Lopes, 2009), acionando no imaginário papéis de normalidade/anormalidade, heterossexualidade/homossexualidade, masculino/feminino, atividade/passividade. Portanto, o imaginário presente na sociedade interage com as construções das telenovelas, sendo um processo de retroalimentação.

Segundo hooks (2023), as imagens hegemônicas moldam e vinculam os papéis das mulheres negras, inserindo-as em um paradigma erótico patriarcal. O corpo feminino é sujeito a uma objetificação que visa a satisfação do olhar branco dominante, ao mesmo tempo em que sua humanidade e autonomia são desconsideradas. De mesma maneira, as vivências lésbicas, pensando-as enquanto práticas e identidades, são cerceadas por uma série de ideais que advém da cisheteronormatividade (Wittig, 2022), padrões que também podem ser vistos a partir das telenovelas brasileiras.

## ANÁLISE

### Sol e Kate

A representação da mulher negra no mercado cultural perpetua ideais nocivos sobre sexualidade, inferioridade e submissão (Collins, 2022). A protagonista Sol (Sheron Menezes), é uma mulher negra, mãe de duas meninas, filha de mãe solo, evangélica e dançarina de funk. Kate (Clara Moneke) é uma jovem negra, sobrinha de Sol, filha de mãe solo e ao longo da trama trabalhou como atendente em uma cafeteria e

vendedora de sanduíches em uma faculdade particular. Ambas são moradoras de uma periferia no Rio de Janeiro.

A trajetória afetivo-sexual das personagens é associada a estereótipos de hipersexualidade e submissão. Assim, o mercado cultural perpetua um esforço colonialista ao retratar as mulheres negras como entretenimento de objetificação, destacando partes de seus corpos em detrimento de suas histórias que as integram enquanto sujeitas. Na telenovela, a história de Sol é reduzida ao abuso sexual que sofreu e as cenas como dançarina de funk enfatizam a sua bunda, sobretudo na presença do personagem Theo, reforçando a dinâmica de dominação cisheteropatriarcal, que a reduz a um mero espetáculo para o olhar branco dominante (hooks, 2023).

A trama envolvendo a personagem Kate levanta questões inquietantes sobre relacionamentos abusivos e a representação das mulheres negras. Marcada pela presença constante de figuras masculinas com as quais se relacionou ao longo da trama, a relação entre Kate e Theo, o também abusador de Sol, exemplifica como a manipulação emocional e o controle psicológico perpetuam o ciclo de violência. A caracterização de Kate também levanta questões sobre a hipersexualização das mulheres negras na mídia, destacando uma política de controle sobre seus corpos, exemplificada na relação exploradora e instrumental de sua sexualidade por Theo.

No caso das duas personagens, é possível observar que o corpo da mulher negra é sujeito a uma objetificação que visa a satisfação do olhar branco dominante. Segundo Bueno (2020), a manutenção das mulheres negras em estado de subordinação é fundamental para assegurar sua exploração econômica, ao mesmo tempo em que limita seu pleno exercício de cidadania e a concretização de seus direitos. Nesse processo, perpetua-se uma visão nociva de que a desejabilidade feminina é construída através da negação e ausência de si mesma, impondo às mulheres a obrigação de sufocar suas próprias vontades para refletir o desejo masculino (hooks, 2023). Essa abordagem reforça estereótipos cisheteronormativos, o que pode gerar um impacto na percepção e nas experiências das mulheres espectadoras.

### **Clara e Helena**

“Vai na Fé” veiculou o relacionamento de Clara (Regiane Alves) e Helena (Priscila Szejnman), elas se conhecem na academia onde Helena é professora de Clara

na academia. Porém, Clara é casada com Théo e se entende como hétero. O relacionamento hétero é conturbado, o esposo é agressivo e manipulador.

Com a aproximação das duas personagens, se apaixonam. O primeiro beijo acontece em um restaurante, ainda enquanto amigas. A cena parte do comportamento de homens que se aproximam e as chamam para beber, quando as mulheres negam, eles fazem piadas que as duas seriam sapatão, então, Clara se levanta e beija Helena. A aproximação das personagens torna-se uma questão para Théo, então, ele a ataca com: “A gente é casado. Eu sou seu marido, e você minha mulher. Eu sei que você fez isso de ficar com outra mulher para me provocar, pra me trazer de volta. Funcionou. Eu sou seu.” e “eu achava que aquela personal mal-educada nem ligasse pra sexo. Que safadinha! Aliás, as duas!”. No decorrer da trama, as mulheres começam uma relação, Clara, já esgotada do casamento com Théo, pede o divórcio.

No dia 6 de junho de 2023, aconteceria o primeiro beijo das personagens como namoradas, porém, foi cortado. Nas redes sociais, a hashtag #GloboHomofóbica esteve entre os assuntos, os fãs da telenovela, os movimentos LGBTQIA+ e parte do elenco acusaram a emissora de censura.

Em um dos capítulos finais, Helena leva Clara para conhecer suas amigas, mas Helena se mostra com certo desconforto com a namorada que parece ainda não aceitar-se, em cena que diz “eu não gosto de mulher, eu gosto só da Helena”. A partir desse jantar, se desentendem, em situação onde Helena diz sentir-se uma aventura de Clara. No final da trama, o casal se reencontram e dão uma chance ao relacionamento.

O fato de que Clara se apega a Helena por estar em um casamento ruim traz a noção de que relacionamentos entre mulheres acontecem quando o relacionamento de alguma delas com um homem termina. O primeiro beijo ter sido em função do olhar masculino é um reflexo de como são tidas as lesbianidades, por vezes encaradas como comportamentos que intencionam o olhar do homem, as deslegitimando. As mulheres apresentadas, têm idades entre 30 e 40 anos, são brancas, da classe média do Rio de Janeiro, cisgêneros.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nas narrativas das quatro personagens, nos deparamos com suas vivências permeadas por violências, onde normas tentam a perpetuação de ideais que dizem sobre

raça, gênero e sexualidade. Sendo possível, através da perspectiva feminista interseccional, capturar a complexidade das experiências vividas por grupos historicamente marginalizados.

Preciado diz que devemos olhar os “meios de comunicação como tecnologias de produção do visível que ocupam hoje uma posição disciplinante que supera amplamente aquela outorgada por Foucault à medicina, à instituição penitenciária ou a fábrica do século XIX” (2010, p. 65), portanto, exercendo poderes sobre as lesbianidades e seus desdobramentos nos corpos, sendo as telenovelas tecnologias sociais que geram idealização coletiva (Lopes, 2009).

Observar as configurações das vivências de mulheres nas telenovelas brasileiras trata-se de olhar de forma crítica aos seus pressupostos, a forma como se qualificam em termos de um discurso político significativo, entendendo o que elas estabilizam ou não no que se refere aos corpos em suas possibilidades e materialidades.

## REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen Produção Editorial, 2019.
- BUENO, Winnie. **Imagens de controle: um pensamento de Patricia Hill Collins**. Porto Alegre: Zouk, 2020
- CARRILLO, Jesús; PRECIADO, Paul B. Entrevista. **Revista poiésis**, v. 11, n. 15, 2010.
- COLLINS, Patricia Hill. **Política sexual negra: afro-americanos, gênero e o novo racismo**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2022.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- hooks, bell. **Cinema vivido: raça, classe e sexo nas telas**. São Paulo: Elefante, 2023.
- LOPES, Maria Immacolata. Telenovela como recurso comunicativo. **MATRIZES**, 2009.
- ROSE, D. Análise de imagens em movimento. In: BAUER. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 343-363.
- VAI na fé**. Rosane Svartman. TV Globo, 2023.
- WITTIG, Monique. **O pensamento hétero e outros ensaios**. Autêntica, 2022.